

QUE PAÍS É ESTE?

A CÂMERA DE
JORGE BODANZKY
DURANTE A
DITADURA BRASILEIRA
1964-1985

Presskit Digital

APOIO

REALIZAÇÃO



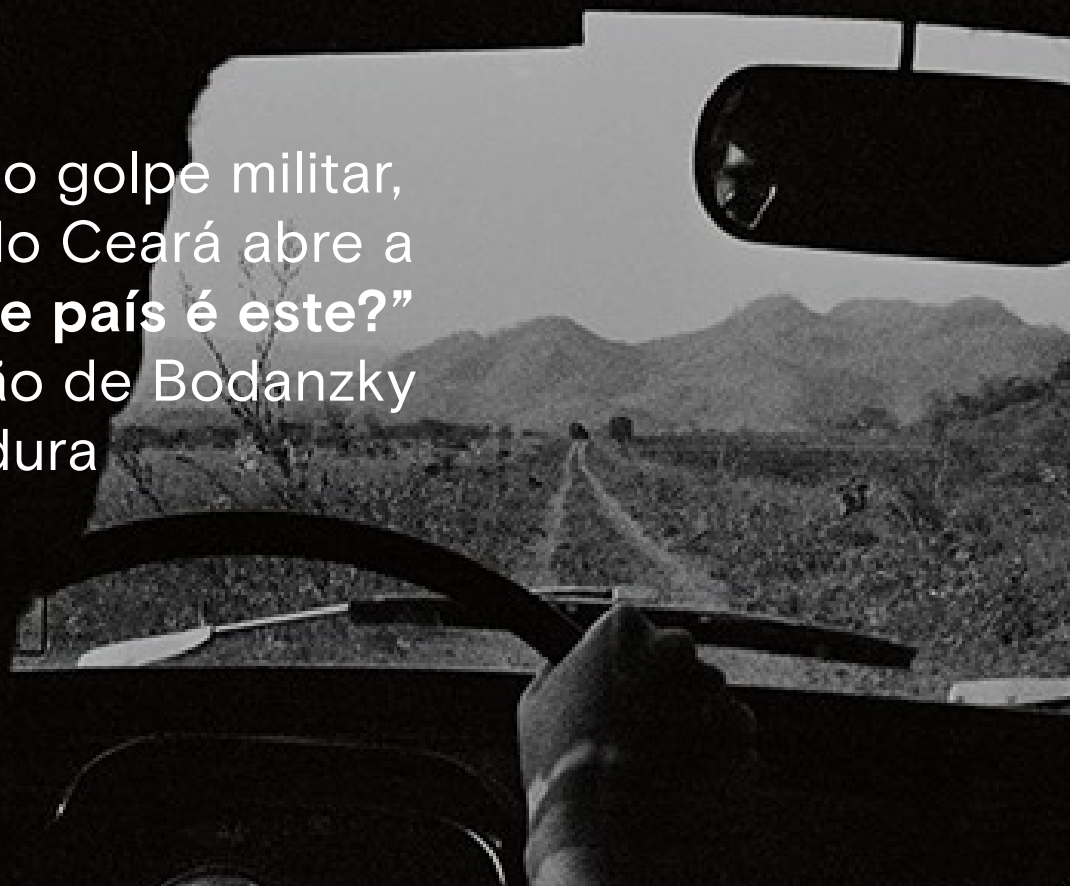
InstitutoMoreiraSalles

instituto
mirante



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Nos 60 anos do golpe militar, a Pinacoteca do Ceará abre a exposição “Que país é este?” com a produção de Bodanzky durante a ditadura



Dario Chiaverini dirigindo em Planaltina, DF, c. 1965.

Sessenta anos após o golpe militar no Brasil, a Pinacoteca do Ceará recebe a exposição “Que país é este? A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira, 1964-1985”, que reúne pela primeira vez fotografias, reportagens audiovisuais, filmes super-8 e cenas dos principais filmes dirigidos pelo fotógrafo e cineasta Jorge Bodanzky durante a ditadura no Brasil. A mostra, uma itinerância em parceria com o Instituto Moreira Salles (IMS), apresenta filmes com temas que permanecem atuais, como a violência no campo, a destruição ambiental e a luta dos movimentos sociais.

Fotógrafo, repórter e cineasta, Jorge Bodanzky (1942) investigou a cultura popular e os conflitos do país em uma ampla produção visual. Durante a ditadura, viajou pelo Norte e pelo Nordeste do país — incluindo o Ceará —, documentando a violência no campo e a devastação ambiental causadas pelas políticas desenvolvimentistas dos governos autoritários. Enfrentou a censura e a falta de financiamento nacional enquanto concebia obras que questionavam a ideia de progresso propagandeada pela ditadura e mostravam a realidade do país.

A produção deste período, que tensiona os limites entre o documentário e a ficção, é o foco da exposição “Que país é este?”, que estreou em março, no Instituto Moreira Salles, em São Paulo, e desde de dezembro de 2024, itenera na Pinacoteca do Ceará, em Fortaleza. Nela, são exibidos trechos

de sete filmes dirigidos pelo cineasta no período, fotografias e projeções em Super-8 que serviam ao artista como diário de campo. O acervo de fotografias e super-8 pertence ao Instituto Moreira Salles, e a exposição teve apoio da Cinemateca Brasileira.

Com curadoria do coordenador do departamento de Arte Contemporânea do IMS, Thyago Nogueira, assistência de Horrana de Kássia Santoz e pesquisa de Ângelo Manjabosco e Mariana Baumgaertner, a exposição apresenta o período em que Bodanzky consolidou sua linguagem visual, atuando na fotografia, na televisão e no cinema. No centro da exposição, quatro grandes telas de projeção exibem cenas dos principais filmes do cineasta feitos no período. Entre os títulos incluídos, está “Iracema: uma transa amazônica” (1974), com codireção de Orlando Senna. As projeções criam diálogos entre as cenas para mostrar temas comuns, como as formas de exploração do trabalho, as lutas e resistências, a religiosidade e espiritualidade populares, e as distintas visões de progresso.

Alguns filmes foram censurados no período militar, sendo vistos apenas no circuito do cinema independente e cineclubes. A exposição “Que país é este?” resgata um material inédito, e a itinerância em Fortaleza apresenta filmes como Terceiro Milênio, Jari e Gitirana, que acabam de ser inteiramente restaurados.

Câmera de lambe-lambe espelhada reflete transeuntes na praça da Piedade, Salvador, BA, c. 1973. Acervo Instituto Moreira Salles.



“Iracema: uma transa amazônica” (1974), é a obra mais conhecida e premiada de Bodanzky. O longa-metragem narra a história de uma jovem mulher indígena, forçada à prostituição, e um caminhoneiro gaúcho, que vê na recém-construída rodovia Transamazônica sua chance de enriquecer. Para expor a violência do projeto desenvolvimentista da ditadura militar na Amazônia, sem atrair a atenção, a equipe de filmagem estacionava sua Kombi, improvisava a cena e partia rapidamente. Apesar do grande sucesso internacional, o longa permaneceu censurado no Brasil até 1981.

São exibidas também cenas de *Gitirana* (1975), dirigido com Orlando Senna. O roteiro do filme se desenvolve a partir de várias histórias de cordel, todas entrelaçadas pela mesma personagem, cuja vida sofre uma drástica transformação ao ser forçada a deixar sua terra devido à construção da barragem em Sobradinho, na Bahia. Um dos filmes mais duros de Bodanzky, feito no ano da redemocratização, *Igreja dos oprimidos* (1985), codireção de Helena Salem, denuncia a violência no campo através da atuação da Igreja Católica progressista e da Teologia da Libertação na luta por reforma agrária em Conceição do Araguaia (PA).

Em *Terceiro milênio* (1980), Bodanzky acompanha o senador amazonense Evandro Carreira em uma viagem pelo rio Solimões durante sua campanha pelo governo do estado. Como um road movie de barco, o filme, dirigido em parceria com Wolf Gauer, registra o deslocamento do político e sua interação com madeireiros, ribeirinhos e indígenas Tikuna ao longo do percurso. A seleção inclui ainda o longa de ficção *Os Mucker* (1978), baseado em revolta histórica ocorrida no Rio Grande do Sul, *Jari* (1979), documentário dirigido com Wolf Gauer, que denuncia a destruição da Amazônia e a precarização dos trabalhadores no empreendimento do empresário americano Daniel Ludwig, e o média *Caminhos de Valdez* (1971), primeiro filme de Bodanzky.

Além das quatro telas de projeção, a mostra exibe trechos de filmes em que Bodanzky colaborou como diretor de fotografia, formando sua maneira de filmar e encarar o cinema, entre eles *Hitler IIIº mundo* (1968), de José Agrippino de Paula, *Compasso de espera* (1973), de Antunes Filho, e *O profeta da fome* (1970), de Maurice Capovilla.

Outro núcleo importante da mostra traz reportagens e programas institucionais feitos por Bodanzky para a TV alemã, pouco conhecidos no Brasil. Estão incluídos um documentário feito com estudantes da Escola de Ulm sobre a repercussão do assassinato de Benno Ohnesorg durante protesto contra a visita do xá do Irã à Alemanha, em 1967; registros da detenção do grupo de teatro *The Living Theatre* no Brasil, em 1971; as associações culturais comu-

nitárias no governo de Salvador Allende em 1971, pouco antes do golpe militar no Chile; e um filme que traça um paralelo entre a vida de dois operários da Volkswagen, um no Brasil e outro na Alemanha. No grupo de reportagens, é destaque um pequeno trecho mudo de uma entrevista com o general Hugo Banzer, pouco depois de ele tomar o governo da Bolívia através de um golpe de Estado, em 1971.

Nas paredes da exposição, o visitante encontrará ainda fotografias feitas pelo artista nas décadas de 1960 a 1980, durante suas viagens pelo Brasil. Há imagens experimentais produzidas em Brasília, cenas de reportagens feitas para a revista Realidade e flagrantes do cotidiano do país. Na obra fotográfica, chama a atenção o uso do para-brisa de carros, aviões ou helicópteros para enquadrar a realidade, um recurso que sugere a formação do olhar narrativo e cinematográfico de Bodanzky.

Muitos de seus filmes super-8 também são apresentados pela primeira vez na exposição. Mudos e com rolos de curta duração, os super-8 eram usados na prospecção de locações e no exercício livre da linguagem fotográfica. A exposição reúne, por fim, entrevistas recentes com Bodanzky, as atrizes Edna de Cássia, do filme Iracema, e Valderez, de Caminhos de Valderez, além de análises de críticos como Claudia Mesquita, professora da UFMG, e do cineasta e historiador Joel Zito Araújo.



Arredores de pedra azul, MG, 1969.



Foto: Marília Camelo

A PINACOTECA DO CEARÁ

Inaugurada em dezembro de 2022, a Pinacoteca do Ceará tem a missão de salvaguardar, preservar, pesquisar e difundir a coleção artística da instituição, sendo espaço de ações formativas com artistas, comunidade escolar, famílias, movimentos sociais, organizações não governamentais e demais profissionais do campo das artes e da cultura. Trata-se de um espaço de experimentação, pesquisa e reflexão para promover o diálogo entre arte e educação a partir de práticas artísticas. Desde a abertura, o museu já recebeu mais de 213 mil visitantes.

Horário de funcionamento:

Quarta a sexta, 10h às 18h.

Sábado, 12h às 20h.

Domingo, 10h às 17h.

O INSTITUTO MOREIRA SALLES

Fundado em 1992 pelo embaixador e banqueiro Walther Moreira Salles (1912-2001), o Instituto Moreira Salles é uma instituição cultural, sem fins lucrativos, com sedes em três cidades brasileiras: São Paulo, Poços de Caldas e Rio de Janeiro (a sede carioca está temporariamente fechada para reforma). Seu acervo está distribuído em cinco áreas principais: fotografia, música, iconografia, arte contemporânea e literatura. O IMS organiza e recebe em seus centros culturais exposições de fotografia e de artes visuais de artistas brasileiros e estrangeiros, promove mostras de cinema e espetáculos musicais, publica catálogos de exposições, livros de fotografia, literatura e música e duas revistas: a ZUM, sobre fotografia contemporânea, e a serrote, de ensaios sobre arte, política e literatura.

QUE
PAÍS É
ESTE?



A CÂMERA DE JORGE BODANZKY DURANTE A DITADURA BRASILEIRA 1964-1985



PROTESTAR PELAS IMAGENS

Próximo a Londrina, PR, c. 1970.

Em novembro de 1969, Jorge Bodanzky desembarcava em Juazeiro do Norte (CE). Registrou ali a recém-inaugurada estátua de Padre Cícero, a fé e o comércio no seu entorno. Voltaria ao Nordeste anos depois, em 1975, desta vez em Juazeiro da Bahia para filmar *Gitirana*, seu segundo longa-metragem depois da estreia com "*Iracema: uma transa amazônica*".

A obra narra várias pequenas histórias baseadas na literatura de cordel, tendo como pano de fundo a construção da enorme barragem de Sobradinho, que levou à expulsão de 70 mil moradores da região.

O Brasil atravessava o período de maior recrudescimento da ditadura militar, conhecido como anos de chumbo. Nos grandes centros urbanos, a contracultura fervia, a resistência se organizava e a repressão escalava.

A câmera de Bodanzky mirou uma outra face do regime, percorrendo, principalmente, as regiões Norte e Nordeste do país. Sua produção do período - que transita entre o documental e a ficção, tensionando os limites entre as duas linguagens - revelou as consequências do modelo desenvolvimentista autoritário, a violência no campo, o trabalho análogo à escravidão, as injustiças sociais, a devastação ambiental.

"Que país é este?" é uma exposição que reúne fragmentos de filmes, fotografias e documentos produzidos entre 1964 e 1985 que articulam um capítulo impressionante de resistência e subversão das normas impostas pela ditadura nos seus modos de representar o país. Parte da produção, reunida pela primeira vez, é pouco conhecida em razão da censura imposta à época e da falta de financiamento.

Realizada em parceria pelo Instituto Moreira Salles (IMS) e Pinacoteca do Ceará, a itinerância da mostra é um convite para repensar a democratização do país, os avanços e retrocessos na garantia de direitos, no contexto dos 60 anos após o golpe militar.

Manifestamos a Jorge Bodanzky a nossa imensa gratidão pelo acolhimento caloroso deste projeto, assim como pelo seu acompanhamento cúmplice e entusiasta. Expressamos o nosso enorme reconhecimento a Thyago Nogueira, curador da exposição, a Horrana de Kássia Santoz, curadora-assistente, Ângelo Manjabosco e Mariana Baumgartner, responsáveis pela pesquisa, assim como a todas as pessoas e equipes do IMS e da Pinacoteca do Ceará, que tornaram possível este projeto e sua circulação.

Pinacoteca do Ceará

Instituto Moreira Salles



A EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA DO CEARÁ

"Que país é este? A Câmara de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira entre 1964 e 1985" reúne pela primeira vez fotografias, imagens de audiovisuais, a investigação da cultura popular e seus conflitos no país durante o tempo da ditadura. Esse tempo duro, violento e que ainda precisamos reviver a partir de um pensamento de reflexão e de uma construção de um encontro com essas imagens que ainda são imagens ainda que convivem conosco. A exposição é uma parceria com o Instituto Moreira Salles e, a partir disso, traz o intercâmbio da Pinacoteca com a relação com outros acervos. Tendo a curadoria do Thyago Nogueira, traz um olhar sensível sobre o recorte de obras como "Iracema: uma transa amazônica", de 1974, do Jorge Bodanzky. É uma possibilidade de discutirmos e trazermos esse tema que nos é tão caro como o espaço social, portanto o espaço político que a Pinacoteca do Ceará exerce.



RIAN FONTENELE
Diretor da Pinacoteca do Ceará

Vista aérea da região central de
São Paulo, SP, c. 1970.

CURADORIA



THYAGO NOGUEIRA
(São Paulo, 1976)

Dirige a área de Arte Contemporânea do Instituto Moreira Salles e é editor-chefe da revista ZUM. Fez a curadoria das exposições “Que país é este? A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira” (2024), “Palavras cruzadas...” (2022), de Miguel Rio Branco, “Daido Moriyama: uma retrospectiva” (2022), “Claudia Andujar: a luta Yanomami” (2018), “Corpo a corpo: a disputa das imagens, da fotografia à transmissão ao vivo” (2017), “William Eggleston: A cor americana” (2015), “Rio Utópico”, de Rosângela Rennó, “São Paulo Fora de Alcance”, de Mauro Restiffe (2014), entre outras.



HORRANA DE KÁSSIA SANTOZ
(Espírito Santo, 1984)

É educadora, pesquisadora e curadora vinculada à diretoria artística do Instituto Moreira Salles. Foi pesquisadora da exposição dos 40 anos da Associação Cultural Videobrasil, curadora de pesquisa e ação transdisciplinar da Coleção Ivani e Jorge Yunes e Pinacoteca de São Paulo e desenvolveu o programa de comissionamento Atos Modernos. No Masp, integrou o núcleo de mediação e programas públicos e foi curadora da Sala de Vídeos entre 2018 e 2020.



A LUTA CONTINUA

Maneiro-Pau, dança de roda masculina que recria lutas entre senhores de engenho e cangaceiros, Festa do Divino Espírito Santo, São Luiz do Paraitinga, SP, maio de 1969.

Esta exposição reúne pela primeira vez a obra do fotógrafo, repórter e cineasta Jorge Bodanzky (São Paulo, 1942) produzida durante a ditadura militar brasileira (1964-1985). Enquanto o manto autoritário recobria o Brasil, um jovem estudante deixava a recém-criada Universidade de Brasília para registrar com sua câmera os conflitos sociais e a diversidade cultural do país. Driblando a repressão e a censura, Bodanzky consolidou-se como um dos cineastas mais agudos e críticos de sua geração.

Como narrar em imagens a violação de direitos e a destruição ambiental que o ufanismo desenvolvimentista do governo militar tentava manter invisível? Como captar em vivas cores a aliança comunitária dos movimentos sociais e a grandeza da cultura popular que embalava a resistência? Filmes como *Iracema: uma transa amazônica* (1974, censurado até 1981), *Gitirana* (1975, parcialmente filmado no Ceará) ou *Jari* (1979) inventavam uma nova maneira de fazer cinema, com roteiros enxutos, atuação improvisada, equipamento portátil e gravação de som direto. Não raro, utilizavam a ficção e a encenação para realçar as contradições reais da sociedade. O despojamento da produção era a estratégia necessária para construir a contraimagem do discurso oficial.

Enquanto as lutas urbanas eram bem documentada, Bodanzky e parceiros como Wolf Gauer, Hermano Penna, Orlando Senna e Helena Salem embrenhavam-se pelo país para amplificar vozes e imagens até então pouco conhecidas. Trabalhando na Amazônia, no Nordeste ou no Sul do Brasil, sua

produção enfocava as injustiças sociais e os paradoxos do modelo econômico autoritário, mas também apontava o papel da ecologia e da educação na transformação do Brasil.

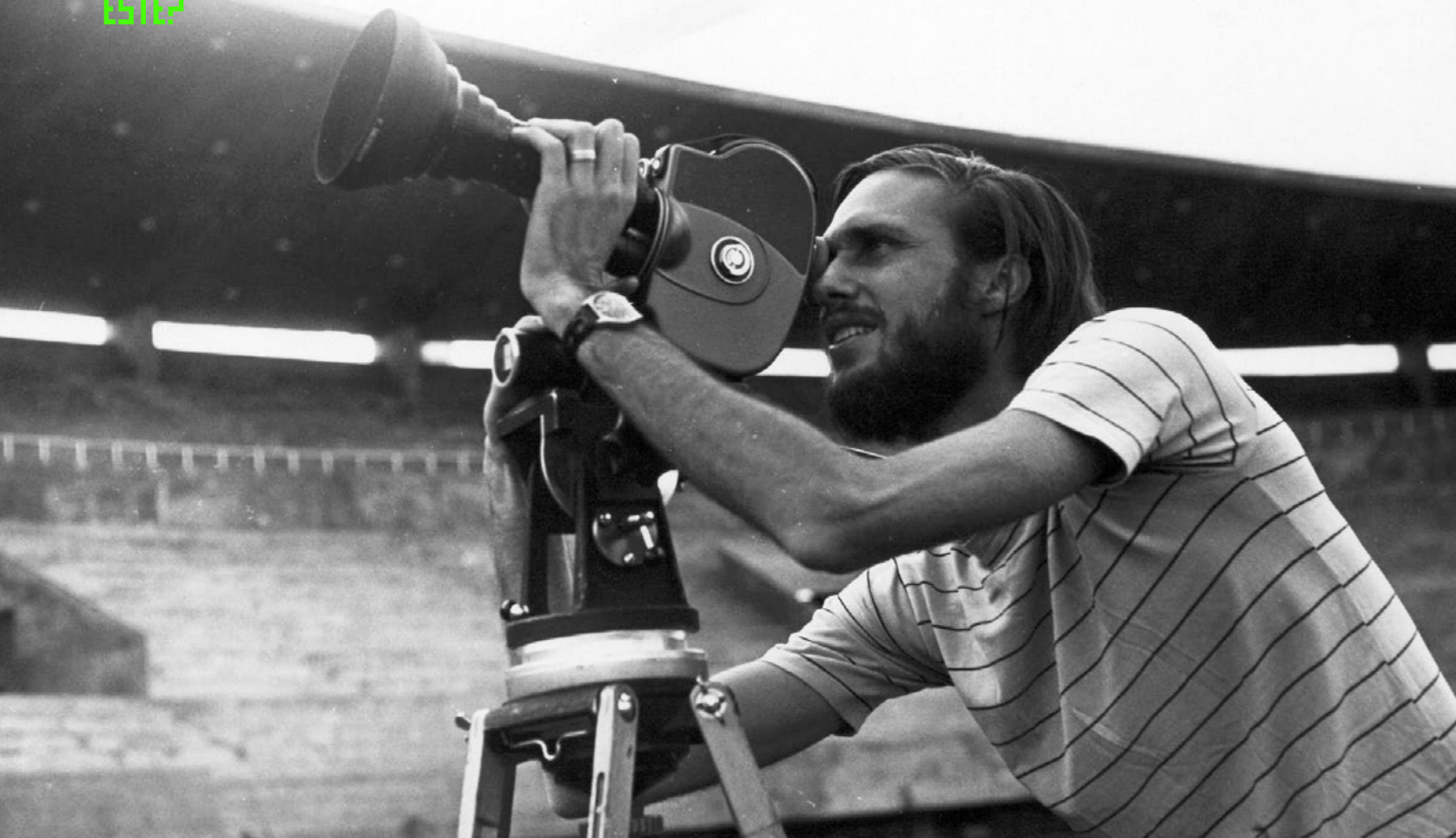
Bodanzky fez cinema até mesmo quando fotografava detrás da janela de um carro, avião ou helicóptero, enquadrando o mundo em movimento. Nesses 21 anos de carreira, trabalhou como fotógrafo para revistas e jornais, dirigiu a fotografia de clássicos do cinema independente, gravou reportagens pela América Latina e aventurou-se nos filmes super-8.

No centro da sala, quatro projeções apresentam cenas de seus filmes organizadas em eixos temáticos, como a exploração do trabalho, as diferentes formas de religiosidade, as lutas de resistência e as distintas visões de progresso. Nas paredes, fotografias e projeções de super-8 compõem o caderno de campo do cineasta. Os monitores de tevê exibem entrevistas e filmes para canais alemães, além das colaborações como diretor de fotografia.

Boa parte desta produção ainda é pouco conhecida, seja em razão da censura, da falta de financiamento ou do reduzido circuito de exibição dedicado ao cinema ativista. Vistas em conjunto, estas obras revelam o papel crucial das imagens na luta por justiça social e na compreensão do Brasil, erguido sobre bases violentas e autoritárias. Revê-las é testemunhar a história sendo escrita a quente, mas também dar-se conta de que boa parte dos conflitos e paradoxos daquele período continuam vivos hoje.

THYAGO NOGUEIRA

Curador e coordenador da área de Arte Contemporânea do IMS



JORGE BODANZKY

Jorge Bodanzky filmando o Mito do Divino com Hermano Penna, São Luiz do Paraitinga, SP. 1968. Acervo Instituto Moreira Salles.

Jorge Bodanzky percorreu o Brasil ao longo de sua trajetória profissional para registrar histórias, personagens e lutas sociais. Interessado principalmente no que acontecia fora dos grandes centros urbanos, inovou o cinema brasileiro ao trabalhar com equipes pequenas, câmera na mão, som direto e poucos recursos. Usou a ficção como recurso para realçar contradições reais da sociedade em parte de sua obra, valendo-se de atores não profissionais para dar autenticidade à realidade cinematográfica e evitando a atenção dos militares durante a ditadura.

Foi assim que Bodanzky, um paulista filho de austríacos que encontraram no Brasil uma maneira de fugir do nazismo, construiu uma espécie contra-imagem do discurso oficial. A diversidade de visões é uma marca relevante de seus filmes, fruto de uma parceria potente com nomes como Orlando Senna, Wolf Gauer, Hermano Penna e Helena Salem.

A convivência de Bodanzky com intelectuais e profissionais da fotografia e do cinema é intensa desde que ingressou, em 1964, na faculdade

de arquitetura da Universidade de Brasília. Com o cerco da ditadura militar, em 1966, o artista seguiu para a Alemanha, onde estudou na famosa Escola de Design de Ulm, sob orientação do cineasta Alexander Kluge.

Dois anos depois, em 1968, retornou para o Brasil e passou a fotografar para as revistas *Manchete* e *Realidade*, entre outras. Fez direção de fotografia para clássicos do cinema brasileiro, dirigidos por Maurice Capovilla, João Batista de Andrade e José Agrippino de Paula. Em 1971, estreou como diretor de cinema com o média-metragem *Caminhos de Valdez* (1971), codirigido com Hermano Penna. Nos anos seguintes, realizou inúmeros filmes.

Enquanto viajava o país como cineasta e jornalista, Bodanzky fotografava e filmava em Super 8 com a ideia de fazer registros para si mesmo. As imagens eram uma espécie de caderno de notas, congelando as experiências vividas e os fatos observados. O vasto material produzido é agora parte da matéria prima da exposição “Que país é este?”

ENTREVISTA COM O ARTISTA

"Para mim, sempre foi importante mostrar o avesso da história oficial"

Jorge Bodanzky

Sessenta anos depois do golpe militar, a exposição "Que país é este?" reúne pela primeira vez a sua produção durante a ditadura brasileira. Qual a leitura que o senhor faz sobre esta produção hoje, ao vê-la reunida desta forma?

O interessante é que reuniram, conjuntamente, o meu trabalho de fotografia, de Super 8, de cinema, tanto como direção quanto câmera, já que eu trabalhava com correspondentes para as TVs estrangeiras. Como este ano marca os 60 anos do golpe militar, a ideia é trazer à tona a imagem do Brasil neste período. Tenho uma relação com o Nordeste e o Norte, em geral, e levar essa exposição para o Ceará é muito importante. (...) Faz parte do meu objetivo retornar com essas imagens, que muitas delas são do Nordeste, para o próprio Nordeste. Neste caso, estar no Ceará, em Fortaleza, me deixa muito lisonjeado e muito contente.



Autorretrato de Jorge Bodanzky, Ulm, Alemanha c.1966. Acervo Instituto Moreira



O cinema nacional aborda com frequência as consequências da ditadura nas grandes cidades, no meio intelectual e na classe média. O que te levou a se interessar, ainda durante o regime, por registrar as populações que estavam à margem, distantes dos grandes centros?

O registro é uma consequência do trabalho que eu fazia. A intenção não era marcar a ditadura. Estávamos em plena ditadura, que durou 25 anos, e o meu trabalho sempre foi focado no social. Eu me interessava, vamos dizer, [em conhecer] como as pessoas viviam, mas principalmente as pessoas. Em todos os lugares que eu fui, meu objetivo sempre era retratar pessoas e mostrar a condição que elas viviam, a situação que o Brasil vivia naquele momento, que era difícil de divulgar porque havia censura, havia o risco de você ser perseguido, ser preso e até ser torturado. Mas, para mim, sempre foi importante o aspecto de mostrar a verdade, de mostrar o avesso da história oficial. [Mostrar] o que, de fato, estava acontecendo e como viviam essas pessoas dentro de um regime militar.

O senhor viajou especialmente pelo Norte e pelo Nordeste durante a ditadura. Conta um pouco como eram essas viagens?

Uma parte foi feita sob encomenda para as TVs. Eu trabalhava para programas da televisão alemã, fazia câmera, ia com um repórter. Essas imagens iam para o exterior, e eu ficava sem nada aqui. Então, eu passei a utilizar uma câmera Super 8 como uma espécie de caderno de notas, de registro daquilo que eu vivia e que eu notava para ter uma coisa para mim. A minha intenção com Super 8 não é ter um produto final, é ter um registro. E assim ficou até hoje. Esses vídeos em Super 8 não foram editados. Eles estão assim, um material bruto como saiu da câmera. Mas, justamente por isso, eles têm uma relevância, porque mostram bem de perto a realidade brasileira. Apesar de serem filmes mudos, eles têm uma impressionante profundidade dentro dos assuntos que mostram. Isso está nesta exposição, e é muito importante para mim porque é a primeira vez que esses filmes Super 8 estão sendo vistos. Eles ficaram guardados, em parte até esquecidos, sendo recuperados quando o meu acervo foi digitalizado para o Instituto Moreira Salles. Esses vídeos trazem uma curiosidade muito original e um viés bem interessante para observar o Brasil desse período.



Durante reportagem para a revista Realidade, Belém, PA, 1969.

Durante as suas viagens pelo Norte e pelo Nordeste, o senhor esteve no Ceará, em Juazeiro do Norte, pouco tempo depois da inauguração da estátua do Padre Cícero. O que recorda da região?

Estive várias vezes em Juazeiro. Sempre que eu tinha oportunidade, eu voltava para lá, em trabalhos que eu fazia como câmera e como jornalista. O registro da inauguração da estátua do Padre Cícero foi feito durante a Caravana Farkas. O Eduardo Scorel estava dirigindo um dos filmes produzidos pelo Thomas Farkas, e eu era o câmera desse filme. Não foi a primeira vez que eu fui ao Nordeste, foi uma das muitas vezes que eu fui ao Nordeste. Tanto é que, na minha produção, tanto de fotografia, quanto de Super 8 e cinema, o Nordeste é muito presente. O filme mais marcante que eu fiz em Juazeiro chama-se Gitirana, que foi rodado um ano depois do Iracema, em 1975, durante a barragem de Sobradinho (BA). A gente reencenou histórias de cordel com a população local e seguiu isso dentro da obra de Sobradinho. Trechos do filme estão dentro da exposição.

O senhor viajava com uma Super-8, uma câmera fotográfica e uma equipe pequena. E diz que ainda hoje seu cinema é independente, barato e simples. De que forma isso te permitia registrar a realidade e, de certa forma, escapar da vigilância e da censura dos militares?

Isso foi fundamental porque, quanto menos você aparece, menos as pessoas te observam e mais livre

você fica. Sou documentarista mesmo quando trabalhava com ficção e tinha a equipe menor possível para não interferir no local onde a gente está. Neste período, eu trabalhei muitos anos paralelamente como câmera man para correspondentes das televisões estrangeiras. E, naquele tempo, havia muito interesse pela América Latina porque os regimes militares foram se impondo, um a um, na Argentina, no Uruguai, no Chile, na Bolívia. E eu testemunhei tudo isso. Estava lá, e registrei isso para as televisões estrangeiras, principalmente para a alemã. Isso me deu uma certa habilidade de trabalhar rápido, sem aparecer, e sair rapidamente do local para não chamar atenção. Quando as pessoas percebiam o que a gente estava fazendo, a gente já estava longe.

Qual o papel que a fotografia tinha para você durante a produção destes filmes e trabalhos durante a ditadura?

Eu sempre fotografei. Não dava para viver de cinema naquele tempo, era muito difícil, mas com a fotografia de imprensa, eu consegui me manter. Trabalhei para o Jornal da Tarde, para o Estado de São Paulo e, principalmente, para uma revista muito importante desse período, que era a Realidade. E a Realidade abordava temas bastante ousados. Desafiava a censura. O registro fotográfico está sempre presente até hoje dentro do meu trabalho.

PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA

O programa de ação educativa “Que país é este?” é um lugar de encontros, trocas de saberes e vivências artísticas, que se molda de acordo com os públicos e ações desenvolvidas. A programação se realiza por meio de visitas mediadas, ações e experiências formativas para os mais diversos públicos, encontros com profissionais da educação, além de oficinas e ações ofertadas em meios digitais.



Foto: Marília Camelo



Fotos: Marília Camelo

ATELIÊ CRIANÇA CRIA

Ação infantil na qual é realizada uma visita mediada às exposições em cartaz, seguida de ação prática. A atividade busca proporcionar um espaço em que a criança e seus familiares tenham um momento de fruição e experiências sensoriais a partir das obras artísticas, além das possibilidades de diálogo com mediadores e as outras crianças presentes, fortalecendo a sociabilidade, a imaginação e o cognitivo. Após a visita mediada, é realizada uma atividade prática a partir das relações do que foi visto e conversado.

Lambe-Lambe

Conversando sobre cidade, arte e política, a ação acontece no ateliê com o objetivo de conhecer a técnica do lambe-lambe muito utilizada nos movimentos de contracultura, durante o período da ditadura. Para isso iremos utilizar um painel de madeira onde os lambes serão fixados.

Stencil

Conversando sobre cidade, arte e política a ação acontece no ateliê com o objetivo de conhecer a técnica do stencil muito utilizada nos movimentos de contracultura, durante o período da ditadura. Para isso iremos utilizar um painel de madeira onde os stencils serão pintados utilizando tinta guache e esponjas.

FlipBook

Assim como nos vídeos apresentados na exposição "Que País é Este?", nesta oficina as crianças irão experimentar o movimento visual de maneira criativa. A ação propõe a criação de uma sequência de desenhos simples que, ao serem folheados rapidamente, se transformam em uma pequena animação.

Memórias que Ficam

As fotografias e vídeos são pequenas formas que capturam momentos e os transformam em memórias, nessa ideia a proposta desta ação é convidar os visitantes a imaginar outra forma de guardar o que é importante para si? Serão convidados público adulto e/ou infantil a refletir sobre outras maneiras de se manter as próprias memórias em forma de desenho. Experimentando o desenho para guardar momentos preferidos, assim como na fotografia e vídeo.

VISITAS TEMÁTICAS

Traçar percursos pelo espaço expositivo e conhecer mais sobre as obras artísticas por meio de percursos temáticos é o objetivo do programa “Visitas Temáticas” realizado pela equipe educativa da Pinacoteca do Ceará. A partir de metodologias de mediação com foco na fruição, sensibilidade e experimentação dos espaços, a proposta é tecer diálogos sobre as obras em exposição. Cada Visita Temática é um encontro que permite a partilha de experiências e a construção de conhecimentos coletivos.

Entre Sonhos e Rezas

Por meio da intersecção entre a série Sonhos de Cláudia Andujar e das expressões da fé registradas por Jorge Bodanzky, o percurso se estabelece nas frestas desses feitiços. Seja na dimensão política dos sonhos para os povos Yanomami e ou nos desejos e utopias rezadas durante as romarias fotografadas pelo documentarista, as experiências religiosas serão mote para pensar a luta por direitos dessas comunidades.

Entre a opacidade e a transparência: o que a imagem dá a dançar?

O que é uma imagem? É apenas o que é visto ou o que é percebido? A imagem é algo apenas material ou o que não é apresentado também gera imagens? Como materialidade e imaterialidade da imagem podem produzir sensações nos corpos? Como essas sensações podem mover corpos? Como essas imagens convidam a dançar? No espaço entre o que é mostrado e percebido por meio da imagem e na relação com o corpo, o percurso propõe para além da visualidade, uma experiência sensorial onde os visitantes serão instigados a corporificar, em uma dança, suas percepções imagéticas.

Escuta das Imagens

A visita temática “Escuta das Imagens” acontece nas exposições “Claudia Andujar: Minha Vida em Dois Mundos”, “Delírio Tropical” e “Que País é Esse?” com o objetivo de discutir quais as questões presentes nas imagens, e como elas recontam a história recente deste território. A partir das obras das exposições, será proposto um diálogo sobre os silenciamentos da história e sobre a escuta atenta das imagens.



Fotos: Marília Camelo



Nem todas as janelas olham pra rua

A janela é como uma metáfora para o recorte fotográfico do cotidiano e suas contradições. Diante da câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira, serão questionadas quais imagens são reveladas por meio da janela, comparando-a a uma câmera fotográfica. As janelas são vistas como narradoras de histórias, permitindo diferentes formas de enquadrar cenas e paisagens, sugerindo uma conexão com o cinema e a representação de cidades, estradas, pessoas e seus contextos históricos.

Palavra-chave

Palavra-chave, palavra de ordem, jogos de palavras. Que caminhos as palavras abrem dentro de uma obra? Quais as palavras de ordem aparecem durante um ato político, qual a função das palavras? Nesta visita a mediação terá enfoque nas obras onde as palavras aparecem, buscando compreender como a palavra exerce funções distintas e como jogos de palavras foram utilizados durante a ditadura no Brasil dentro das músicas, cartazes, jornais, cartas e outros.

Que cartaz é esse?

Ao longo da visita, a cada obra mediada, serão registrados em papel A3, desenhos e expressões que evocam em imagens, as discussões e debates apontadas na exposição "Que País é Esse?". Incorporando o desenho como via de contracultura gráfica e imagética em um recorte político, seja ele nos cartazes dos filmes, seja nos cartazes de atos políticos. Ao final da visita teremos um zine/cartaz do percurso de cada visitante.



Fotos: Marília Camelo

VISITAS TEMÁTICAS + ATELIÊ

O programa Visitas temáticas + Ateliê é uma proposta de experimentação e construção de saberes, dentro de um percurso temático com base em artistas, obras e/ou exposições em cartaz. A ação faz um percurso pelo espaço expositivo e finaliza com uma atividade prática no ateliê.

ATELIÊ

Arte, cidade, política e estratégia

A partir de referências de artistas como Aparecidos Políticos, Cildo Meireles, Aline Albuquerque, Aline Furtado, Paulo Bruscky, Rivane Neuenschwander, essa ação propõe experimentar práticas artísticas utilizadas em movimentos políticos durante o período da ditadura, pós ditadura e na contemporaneidade. Instigando uma prática que reflita os tensionamentos políticos de nossa atualidade. Esse ateliê, terá duração de 3 dias, a ser realizado aos sábados, onde serão realizadas a produção de cartazes, stencils e arte postal.

Agrupando Sentidos

Com foco na vivência artística de pessoas com deficiência, a ação formativa visa criar um ambiente inclusivo, onde diferentes interligações, perspectivas e sensibilidades são acolhidas e compartilhadas. Nesta edição, o programa se relaciona diretamente com a exposição Que País é Esse?, que aborda o período da ditadura militar no Brasil.



Fotos: Marília Camelo



Ateliê de Bordado

Com o intuito de compartilhar saberes-fazer, o programa de Ateliês pretende estimular os processos de expressão, criação e reflexão, explorando temáticas e matrizes estéticas, de modo a ampliar a experiência dos participantes com diferentes contextos e práticas artísticas, cultivando a percepção, o imaginário e o repertório em diversas áreas da arte. Iremos ocupar o espaço do ateliê com bordado a partir das Exposições Mostra Acervo Pinacoteca: Chico da Silva e Que País é esse?

O público é convidado a seguir para a exposição para conhecer referências que possam conversar com bordado e estimular uma partilha, podendo auxiliar na hora de explorar pontos, possibilidades e materialidades, seguindo para o ateliê para dialogar sobre a proposta do bordado e trocas sobre as técnicas necessárias e suas melhores formas de concluir bordado.

OFICINA

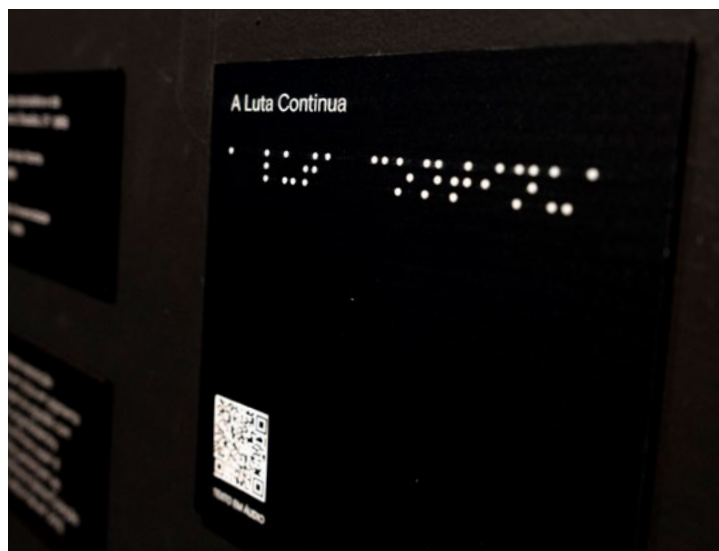
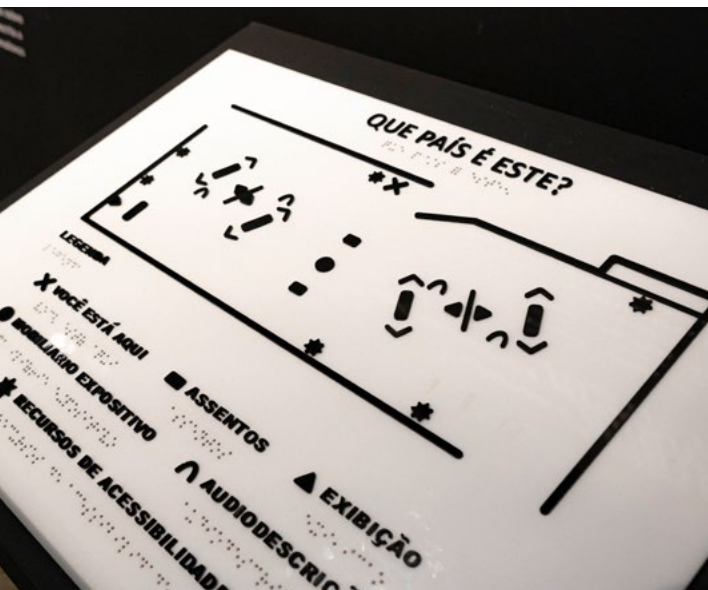
Confeção de Câmara Escura: Os caminhos da luz

No ateliê o público é convidado a descobrir os caminhos que a luz percorre até a imagem se formar nos próprios olhos e nas câmeras fotográficas. A ação propõe confeccionar uma câmara escura para experimentar esse fenômeno de forma prática. Estabelecendo uma conversa sobre fotografia e dispositivos ópticos.



Fotos: Marília Camelo

Fotos: Marília Camelo

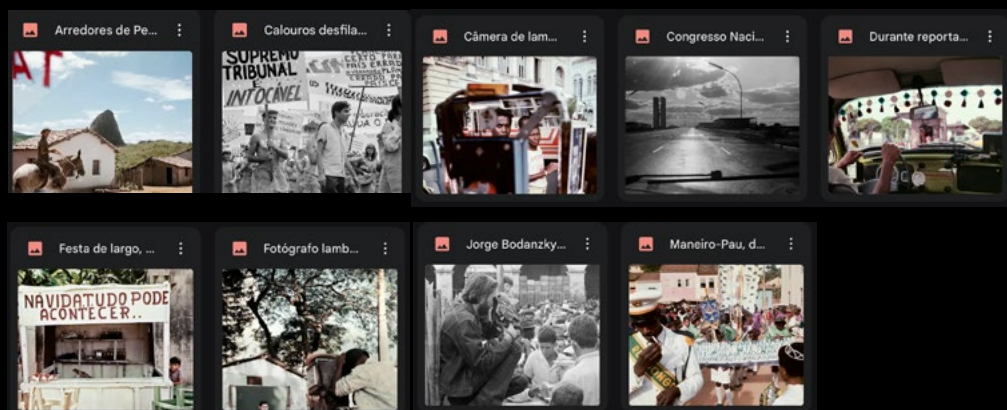


PROJETO DE ACESSIBILIDADE

A exposição conta com vídeo em Libras, além de textos transcritos para Braille e traduzidos para Inglês. Uma peça tátil e 11 audiodescrições também estão disponíveis como recursos de acessibilidade.

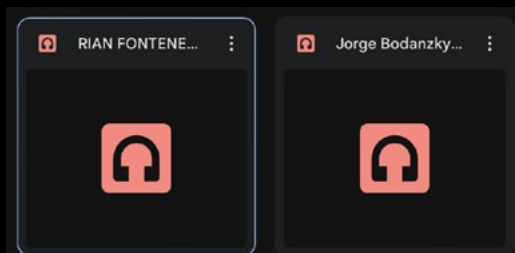
Fotos de divulgação da exposição

Baixe aqui! ↓



Áudios do artista e do diretor da Pinacoteca do Ceará

Baixe aqui! ↓



FICHA TÉCNICA

Que país é este?

A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira 1964-1985

REALIZAÇÃO

Instituto Moreira Salles

CURADORIA

Thyago Nogueira
Horrana de Kassia Santoz (assistência)

PESQUISA

Ângelo Manjabosco
Mariana Baumgaertner
Luara Macari Nogueira (estagiária)

MONTAGEM DOS AUDIOVISUAIS

Bruna Callegari,
Lorena Pazzanese (assistência)

PROJETO EXPOGRÁFICO

AFERRARI Arquitetura
Anna Ferrari
Beatriz Teixeira
Pedro Lins
Marina Cortopassi
Gabriella Palmeira (assistência)

PROJETO DE IDENTIDADE VISUAL

Alles Blau | Elisa von Randow,
Julia Masagão
Yasmin Dejean (assistência)

PROJETO DE ILUMINAÇÃO E MONTAGEM

Raf Santorini (concepção), Jão e Maria do Céu (montagem)

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO E IMPRESSÃO

Núcleo de Digitalização do IMS

PRODUÇÃO

Camila Goulart
Jefferson Mateus

CONSULTORIA DE ACÚSTICA

Miguel Galindo

CONSULTORA EM ACESSIBILIDADE

Daina Leyton

PROJETO DE ACESSIBILIDADE, LIBRAS E LEGENDAS

Mão Preta | Laysa Elias

AUDIODESCRIÇÃO IMAGENS

Daniele França, Milton Carvalho

AUDIODESCRIÇÃO FILMES

Georgea Rodrigues, Cida Leite

PRANCHA TÁTIL

Alfonso Ballestero

APOIO INSTITUCIONAL

Cinemateca Brasileira e Sociedade Amigos da Cinemateca

O IMS desenvolveu todos os esforços para identificar os detentores de direitos das obras apresentadas nesta exposição. Embora em alguns casos não tenha sido possível reunir essa informação, complementaremos os dados caso surjam atualizações. Faça fotos sem usar flash e compartilhe usando #ExpoBodanzkyIMS

INSTITUTO MOREIRA SALLES

Walther Moreira Salles (1912-2001)
Fundador

CONSELHO

João Moreira Salles
Presidente

Fernando Moreira Salles
Vice-presidente

Pedro Moreira Salles
Conselheiro

Walther Moreira Salles Jr.
Conselheiro

DIRETORIA

Jânio Francisco Ferrugem Gomes
Diretor executivo

João Fernandes
Diretor artístico

Marcelo Mattos Araújo
Diretor-geral

Renata Bittencourt
Diretora de Educação

GOVERNO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
Governador do Ceará

Jade Afonso Romero
Vice-governadora do Ceará

SECRETARIA DA CULTURA DO CEARÁ

Lúisa Cela de Arruda Coelho
Secretária da Cultura do Ceará

Rafael Cordeiro Felismino
Secretário Executivo da Cultura do Ceará

Geciola Fonseca Torres
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna da Cultura do Ceará

Caio Anderson Feitosa Carlos
Coordenadoria da Rede Pública de Equipamentos Culturais do Ceará (Copec)

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
Diretor-presidente

João Wilson Damasceno
Diretor Executivo

Flávio Jucá
Diretor Administrativo e Financeiro

Camila Rodrigues
Assessora de Ação Cultural

Dione Silva
Assessora de Políticas Afirmativas e Articulação Comunitária

Fernanda Cavalli
Assessora de Comunicação

Iana Soares
Assessora de Formação

Abílio Oliveira
Gerente de Planejamento

Charlene Régis
Gerente Administrativo Financeiro

Natasha de Paula
Gerente de Tecnologia e Inovação

Renata Duarte
Gerente de Operações e Serviços

Vinício Brigido
Gerente de Desenvolvimento Humano

PINACOTECA DO CEARÁ

Rian Fontenele
Diretor Geral

Ana Javes Luz
Diretora Executiva

Luciana Rodrigues
Coordenadora Executiva

Evelane Vieira Dias
Secretária Executiva da Direção ACESSORIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Erinaldo Rocha
Coordenador Administrativo Financeiro

Lidiane Vitor
Analista Financeiro

Dayane Semião
Analista Financeiro

Darriely Evangelista
Analista Financeiro

GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO E PROJETOS

Sílvia Bessa
Gerente

Beatriz Jucá
Coordenadora de Comunicação

Alessandro Fernandes
Estagiário de jornalismo

Marília Camelo
Fotógrafa

Jorge Silvestre
Videomaker

Felipe Ferreira
Estagiário de Audiovisual

Rhaiza Oliveira
Supervisora de Comunicação Digital

Sara Fael
Designer

Lidía Sampaio
Estagiária de Design

Lucas Dilacerda
Supervisor de Conteúdo

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Marina Moura
Gerente

Maithê Gurgel
Coordenação de Exposições

Simone Linhares
Supervisão de Eventos

Ceci Shiki
Jupyra Carvalho
Virgínia Pinho
Produtoras

Ana Clara Freitas
Assistente Administrativa

GERÊNCIA ARTÍSTICA

Carolina Vieira
Gerente

Cecília Gallindo Cornelio
Coordenadora de Programação Artística

Cristine Félix
Supervisora de Programação Artística

Letícia Costa
Estagiária de Programação Artística

Alana Oliveira
Supervisora de Acessibilidade

Ian Lucas
Emilly Martins
Intérprete de Libras

Eleotério Tomaz
Nathanael Pereira
Paulino Batista
Ronald da Silva
Estagiários de Acessibilidade

Simone Barreto
Coordenadora de Arte e Educação

Amanda Oliveira
Andrea Dalveroni
Beatriz Gurgel
Gi Monteiro
Iuri Tavares de Sousa
Janaina Bento

Juliana Ferreira
Lígia Bessa
Renata Damasceno
Wallison Azevedo
Arte Educadores

Beatriz Dantas
Liza Maria
Estagiárias de Arte e Educação

GERÊNCIA DE ACERVO E PESQUISA

Claudia Falcon
Gerente

Carlos Macedo
Assessor de Acervo

Tatiana Russo dos Reis
Coordenadora do Núcleo de Conservação e Restauro

Priscilla Duarte
Katya de Lara
Técnicas de Conservação e Restauro

Ingrid Siqueira
Lucas Oliver
Maria Vitória Soares Pereira
Jacktania Karolayne de Carvalho Costa
Técnicas do Projeto Catalogação

Iara Andrade
Coordenadora do Núcleo de
Documentação e Pesquisa

Bárbara Fernandes
Analista de Documentação e Pesquisa

Isis Costa
Estagiária

GERÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Dráulio Araújo
Arquiteto sênior / Casa Civil

Nathan Ramalho
Vitor Barroso
Thiago Barreira
Supervisores de Infraestrutura

Leandro Sampaio Alencar
Fabio Galba de Oliveira Bacelar
Fabio Alves Pereira
Jezildo Ferreira da Silva
Manutenção

Francélio Alencar
Erivania Arrais Fortaleza
Esmeralda Dantas
Lia de Moraes
Maria Waleska Brilhante
Recepcionistas

Nara Cavalcante
Pamela Silva
Karine Araujo Alves
Joana Franco
Orientadoras de Público

Leonardo Ferreira
Coordenador de TI

Renan Carlos
Técnico Especialista - TI

Gustavo Ribeiro de Lima (Duda Ribeiro)
Rômulo de Paula
Técnicos de equipamentos - áudio e vídeo

Leandro Mateuzo
Raí Santorini
Técnicos de equipamentos - som e luz

Ana Célia Justino Oliveira
Supervisora Serviços Gerais

Antônio César de Almeida Lopes
Francisca Evelin Norberto Cardoso
Sara Souza Bezerra
Luiz Ricardo dos Santos Pedrosa
Maria Laís de Andrade franco
Naiara Daniele de Sousa Tavares
Regiane Rodrigues Pereira
Samara Kelly Braga da Silva
Dorian Moraes Cunha
Serviços gerais

Tarcísio da Costa Pires
Alan Ferreira Ribeiro
Equipe de Apoio

José Belvandi Alencar de Freitas
Marlinha da Silva Barbosa
Livia Silva Leonardo
Germano Queiroz Saunders Uchoa
Glenda Maria Costa Dutra
Genice Pinto de Sousa
Carlos Augusto da Silva
Vanessa Nunes de Oliveira
Marcelynno Carvalho Barbosa
Equipe de Brigadistas

Nayana Torres
Fernando Oliveira Lima
Daniel Cordeiro
Ivonete Rufino
Supervisores de vigilância

Marcelo José Freire Dias
Damião Martins de Oliveira
Joelson Freitas da Silva
Maria Jéssica Fidelis de Oliveira
Débora Oliveira Farias
Erika Cristiane Souza Vasconcelos
Arisvaldo Assunção de Oliveira
Zilvan Marcos Carneiro
José Marcos de Oliveira Santos
José Jerônimo da Costa Neto
Antônio Diego Oliveira de Sousa
Edson Vitor Pereira
Claudionor de Souza Nascimento
Francisco Marclean Carioca Alves
Francisco Wendel de Souza Rodrigues
Francisco Adelman Santos de Souza
Alfredo Araújo Quindere Filho
José Evandro Oliveira dos Santos
José Silas Benício Bastos
Anásio de Sá Ribeiro
Alacídio Chaves da Silva
Joaquim Pereira de Souza
Lidoneide Duarte da Silva
Antônio Alves Gomes
Fernando Gonçalves da Silva
Francisca Márcia Castro de Lima
José Victor de Oliveira
Romerito Silva Cordeiro
Vigilantes